

OS CEDROS DO LÍBANO SANGRAM!

Sérgio Habib¹

Era a hora do Ângelus (18 h no local e 12 h no Brasil), dia 4 de agosto de 2020, terça-feira, quando uma violenta explosão sacudiu a cidade de Beirute, matando mais de uma centena e meia de pessoas e deixando feridas perto de cinco mil, num átimo de segundo. O mundo acompanhou a situação dramática dos cidadãos que lá residem e, em especial, o Brasil, já que temos uma imensa quantidade de descendentes de libaneses, formando, assim, uma de suas maiores colônias de imigrantes, duas vezes maior do que a população do Líbano. A chegada dos primeiros deles ocorreu a partir dos anos 1880, influenciados pela visita do imperador D. Pedro II àquele país (em 1876), acoçados pela perseguição do império Otomano, pela crise econômica, na perspectiva de iniciarem nova vida. Ao depois vieram em levas, entre os anos 1910 e 1950, fixando-se nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará, Goiás e Bahia. Chegavam com o passaporte turco, razão pela qual passaram assim a ser chamados, sem falar o idioma, com poucas economias, sem jamais terem saído de seu país, assustados e muitos até doentes, vindos de navio. Aos poucos foram estabelecendo-se, trabalhando duro, dedicando-se ao comércio, exercendo o trabalho informal na condição de mascates, ou em pequenas lojas de tecidos ou de bugigangas. Formaram família aqui no Brasil, e, aos poucos, à medida em que prosperavam, mandavam buscar os parentes que ficaram por lá, acolhendo-os e arranjando-lhes trabalho. Muitos fizeram fortuna, mas a grande maioria teve vida modesta, simples, vivendo do trabalho e para o trabalho. Reuniam-se nos finais de semana em suas casas, com toda a parentela para fazer o que mais gostavam: empanturrar-se de comida árabe.

Apesar de deixarem o seu torrão, não se consideravam exilados, mas guardavam consigo a nostalgia da saudade da pátria amada, beijada em toda sua extensão pelos lábios molhados do Mediterrâneo, cujo marulhar não parava de ressoar em suas recordações. Os que se fixaram na Bahia, foram tentar a sorte na região do cacau, atraídos pelo fruto de ouro, e formaram núcleos nas, hoje, cidades de Itabuna, Ilhéus, Coaraci, Itajuípe, Camacan, Ibicaráí, Itapé e outras que compõem a grande nação grapiúna.

¹ Professor de Direito Penal. Advogado Criminal. Membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia. Libanês-brasileiro.

Desbravaram aquelas terras, enfrentaram doenças e animais peçonhentos, palmilharam caminhos nas roças e nas matas, em muitas noites dormiram ao descampado, vigiaram o estrugir da onça, escutaram o piado da coruja ,o zonzείο da abelha, espantaram-se com o ziguezaguear da cascavel, da surucucu, da jararaca, da jaracuçu, por entre a folhagem dos pés de cacau, encharcaram-se com as pesadas chuvas dos meses de inverno e atolaram-se na lama do massapê por onde vicejavam os cacauzeiros , as eritrinas , os ipês, os jacarandás, os jequitibás. Maravilharam-se com o cheiro do cajá, do sapoti, da jaca, que sombreavam os cacauais. Enfrentaram o impaludismo, a doença de chagas, a febre tifo, tomavam purgante e rezavam para que Alá os protegesse. A sua saga foi magistralmente contada pelo itabunense-universal Jorge Amado que, suspeita-se, tenha também descendência libanesa (Amado em árabe é Habib).

O libanês é um bravo povo, acostumado às intempéries da vida e a superá-las admiravelmente. A sua tradição fenícia o fez navegar sempre para longe, mas não apenas singrou os mares, antes singrou os vagalhões das dificuldades e vicissitudes, arrostou borrascas e combateu tufões de infortúnios e abandonos. O seu país foi devastado inúmeras vezes, e sua história remonta a 7 mil anos de tradição, onde conviveram, além dos antigos fenícios, os assírios, persas, gregos, bizantinos e turcos otomanos. Sofreu guerras, foi ocupado por forças estrangeiras, foi palco de vários atentados, atritou-se com Israel e pranteou seus muitos mortos, vítimas de bombardeios e ataques inimigos. Nos intervalos das desgraças, ressurgia como a fênix, e experimentou a paz por um bom período, ostentando a condição de cidade turística , a Paris oriental , ou a Suíça do mediterrâneo.

Nada será capaz de destruí-lo, nem mesmo a catastrófica explosão de nitrato de amônio de dias atrás, porque o seu destino está traçado pelo estoicismo de sua raça, na resiliência de seu povo, no gene da nação. No vídeo que circulou pelo mundo inteiro, logo após a explosão vimos uma grande nuvem de poeira que se espargiu pelo ar, prédios contorcidos, ferragem de veículos, destruição em massa. Assistimos ao desespero das pessoas aturdidas no meio da rua, sem saber o que acontecera, crianças ao desamparo vagando pelos destroços, a enorme quantidade de mortos e feridos , sem hospitais que os pudessem acolher, e os ecos do choro desesperado dos parentes das vítimas.

Como um chamamento para a oração, numa mesquita ou num templo maronita, o presidente do país fez um apelo aos irmãos das comunidades árabes para que ajudassem o Líbano. O mesmo há de ser feito pelos seus filhos e netos, seus descendentes da diáspora espalhados pelo mundo afora. O Líbano precisa de todos nós para que ressurja daquela nuvem de poeira, e volte a ser inteiro, não uma mão decepada nem um corpo desconjuntado. A pátria

de nossos avós se contorce pelos cerros nevados do Monte Líbano, as montanhas dos nossos antepassados reverberam o apelo de sangue, o rochedo de Harissa, onde Nossa Senhora vela pela nação , com as mãos estendidas para a baía de Junieh, estremece a dor do momento que se espraia pelo vale do Kadisha, volteia as colunas do templo de Baco , continua a ecoar pelo vale do Becaá , reboa pelo vale de Hula, esgueira-se pelo monte Hérmon, escala o Qurnat as Sawda e, afinal, vai estanciar aos pés dos Cedros do Líbano, com suas copas em formato de cone, seus ramos dimórficos e suas folhas glaucas , agulhadas, e seus rebentos pubescentes, que já não transpiram o orvalho das manhãs , mas que, lastimando por seu povo , sofrem e sangram. Os Cedros de Deus sangram! Allah ‘ akbar !

(In memoriam de meus avós paternos, Nasser Habib- Ignácio, no Brasil- e Lâmia Nassif Habib (Amélia, nome brasileiro) , tio Abdalla Temer Habib, e em homenagem às famílias sírio- libanesas, na Bahia, e, especialmente, no sul da Bahia: Baracat, Habib, Maron, Agle, Hagge , Midlej, Nassif, Kauark, Hirs, Salume, Rihan, Bittar, Gedeon, Chicourel, Nehme , Atala, Auad, Kfoury, Medauar, Reiache, Bechara, Temer, Zarif, Hedjazi, Neder, Kalil, Abud, Mansur, Luedy , Tawil, Princhark, Abou , Hafursh, Ganem, Chaloub, Kalid e tantas outras).